



FARJALLAT, Célia Siqueira.
Campinas, 02 jul. 1993.

Andorinhas de Campinas.

Correio Popular,

Andorinhas de Campinas

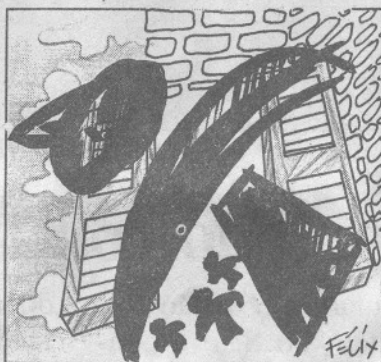
CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Um flash na tevê mostra-me um bando de andorinhas cortando o céu e ainda o apelo do Centro de Ciências Letras e Artes para que se conte algo sobre estas aves, que foram em tempos mais felizes a marca registrada de Campinas. O caso é que estão sendo feitas pesquisas sobre a presença das andorinhas na cidade e na região e sobre seus vôos para lugares distantes, além dos mares.

Os cientistas sabem das coisas e podem desvendar esses mistérios. Mas eu tenho as andorinhas na lembrança com uma nitidez perfeita. Recordo-me de sua casa, a Casa da Andorinhas, em tijolinhos vermelhos, antigo mercado com suas largas janelas abertas para o espaço azul e para todos os ventos. O prédio foi primeiro mercado de hortaliças, transferido do lugar onde hoje se ergue o prédio do Clube Campineiro, conforme conta Edmo Goulart em seu livro *Campinas - Ruas da Época Imperial*.

O novo mercado, erguido em 1886 por Antônio Gomes Tojal e inaugurado em 2 de agosto daquele mesmo ano, foi demolido em 13 de abril de 1956. Quando deixou de ser mercado, as andorinhas tomaram posse da construção, que ficou sendo sua casa.

Onde hoje fica o Largo das



Andorinhas, com seu repuxo de cimento, de onde se ergue a estátua da Princesa d'Oeste, símbolo da cidade, ficava o mercadinho. Em torno estacionavam carroças e atrás havia um bebedouro para os burros e para os homens.

Tudo era calmo, provinciano: as ruas, os prédios, as carroças, um ou outro cabriolé, como o que conduzia à escola os filhos ainda pequenos do então diretor do Instituto Agrônomo, Teodoreto de Camargo.

O lugar era tão bonito que Ruy Barbosa, visitando Campinas, encantou-se com as andorinhas e com sua casa e escreveu uma página antológica, transcrita em um dos livros de leitura para escolares, da Série Braga.

As crianças do Grupo Escolar Modelo, anexo à Escola Normal de Campinas, e as jovens normalistas gostavam das andorinhas. Aliás, havia muita semelhança entre as aves e os estudantes. Até nas cores azul e

branca, na alegria, nas vozes. Essa semelhança inspirava os poetas e os cronistas da época. Um deles, J. Dias Leme, escreveu as estrofes de "Andorinhas de Campinas", musicadas pelo doutor Azael Lobo, e cantadas pelo orfeão de d. Maria Guidice. O poema é este: "A Casa das Andorinhas/ e a Escola Normal em frente/ São duas boas vizinhas/ com um destino diferente// As normalistas de agora,/ — Andorinhas de uniforme,/ Vindo as férias vão-se embora/ E a Escola em silêncio dorme// O céu de Campinas,/ De estrelas povoado,/ Festeja o noivado/ Das noites de luar. /E à tarde, parece/ Que em rosas floresce/ E em mil andorinhas/ Desfolha-se no ar./ Andorinhas de Campinas/ Mensageiras da alegria/ Sois um bando de meninas/ Sois como estrelas do dia// As normalistas são feitas Andorinhas da instrução,/ E as andorinhas? Eleitas/ Normalistas da ilusão."

Embora distantes, as andorinhas permanecem no símbolo da antiga Escola Normal, desenhadas em pleno vôo entre um livro aberto e uma pena. Águas passadas? Pode ser. Mas toda Nação, toda cidade e até todo indivíduo devem ter raízes. Sem passado, não há presente nem futuro.

Célia Siqueira Farjallat é colaboradora do *Correio*